

O DEBATE AGÊNCIA-ESTRUTURA NOS ESTUDOS DE CARREIRA: AVANÇOS A PARTIR DE UMA ABORDAGEM NEOBOURDIEUSIANA

THE AGENCY-STRUCTURE DEBATE IN CAREER STUDIES: ADVANCES FROM A NEO-BOURDIEUSIAN APPROACH

EL DEBATE AGENCIA-ESTRUTURA EN LOS ESTUDIOS DE CARRERA: AVANCES DESDE UN ENFOQUE NEO-BOURDIEUSIANO

Filipe Souza, Dr.

Escola de Administração de Empresas de São Paulo/Brazil
filipe.souza@fgv.br

RESUMO

A despeito das crescentes críticas, predominam nos estudos de carreira aquelas perspectivas que privilegiam a agência como influência primordial no processo de construção de carreira. Em oposição, emergiu recentemente uma perspectiva teórica baseada na teoria da prática bourdieusiana, cujo foco central de análise recai sobre as condicionantes contextuais de carreira. Com vistas a contribuir com os esforços despendidos até o momento para a construção desta perspectiva, propõe-se, neste artigo, uma abordagem neobourdieuiana que busca integrar, em um todo coerente, as influências exercidas sobre as carreiras pelos contextos de socialização primária e secundária, e pela reflexividade. Para tanto, aproximou-se o quadro de referência proposto por Bourdieu das teorias microsociológicas dos sociólogos Bernard Lahire e Margareth Archer.

Palavras-chave: *Habitus*; Reflexividade; Contextos; Fronteiras; Carreiras.

ABSTRACT

Despite growing criticism, those perspectives that privilege the agency as the primary influence in the career building process predominate in career studies. In contrast, a theoretical perspective based on the Bourdieusian theory of practice has recently emerged, whose central focus of analysis is on the contextual conditioning of careers. To contribute to the efforts made so far to build this perspective, this article proposes a neo-Bourdieuian approach that seeks to integrate, in a coherent whole, the influences exerted on careers by the contexts of primary and secondary socialization, and by reflexivity. For this purpose, the frame of reference proposed by Bourdieu was approached from the microsociological theories of sociologists Bernard Lahire and Margareth Archer.

Keywords: *Habitus*; Reflexivity; Contexts; Frontiers; Careers.

RESUMEN

A pesar de las crecientes críticas, las perspectivas que privilegian a la agencia como la principal influencia en el proceso de construcción de carrera predominan en los estudios de carrera. En cambio, recientemente ha surgido una perspectiva teórica basada en la teoría de la práctica bourdieusiana, cuyo foco central de análisis está en el condicionamiento contextual de las carreras. Con el fin de contribuir a los esfuerzos realizados hasta ahora para construir esta perspectiva, este artículo propone un enfoque neo-bourdieuiano que busca integrar, en un todo coherente, las influencias que ejercen en las carreras los contextos de socialización primaria y secundaria, y de la reflexividad. Para ello, el marco de referencia propuesto por Bourdieu se abordó a partir de las teorías microsociológicas de los sociólogos Bernard Lahire y Margareth Archer.

Palabras clave: *Habitus*; Reflexividad; Contextos; Fronteras; Carreras.



1 INTRODUÇÃO

Enquanto fenômeno situado “na interseção entre a história social e a biografia individual” (GRANDJEAN, 1981, p. 1057), as carreiras constituem-se em veículo privilegiado para a compreensão da inter-relação entre indivíduos, instituições e sociedade (HUGHES, 1937; DELUCA; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016). Espacial e temporalmente contingente, o conceito de carreira vem sendo pensado a partir de distintas representações sociais ou metáforas, como as de herança, construção, jornada, recurso e correspondência/*fit* (INKSON, 2004). No presente artigo, as carreiras são conceituadas como um “padrão das posições e condições de um ator de carreira dentro de um espaço social e geográfico limitado ao longo de sua vida” (GUNZ; MAYRHOFER, 2018, p. 70). A adoção dessa proposta particular justifica-se pelo fato dos seus proponentes privilegiarem, de forma expressa, as perspectivas temporal, espacial e ôntica, esta última voltada à compreensão, em base comparativa, das condições do ator, ou seja, de aspectos como idade, gênero, etnia, *status* e classe social (GUNZ; MAYRHOFER; LAZAROVA, 2020).

Em contraposição à reduzida interdisciplinaridade das pesquisas efetuadas no campo (KHAPOVA; ARTHUR, 2011), os estudos de carreira sob a perspectiva organizacional caracterizaram-se inicialmente pelo caráter interdisciplinar, influenciado, sobretudo, pelas abordagens interacionista e desenvolvimentista. Tal esforço resultou no desenvolvimento de uma abordagem analítica multidimensional, privilegiando as dimensões subjetiva e objetiva das carreiras (MOORE; GUNZ; HALL, 2007). Ainda que recente, a trajetória dos estudos sob tal perspectiva subdivide-se em dois momentos principais, o primeiro estendendo-se até o início dos anos 1990, com ênfase no conceito de carreira organizacional, momento a partir do qual são propostas novas modalidades de carreira, com destaque para as carreiras sem fronteiras (ARTHUR; ROUSSEAU, 1996) e proteana (HALL; MOSS, 1998). Se por um lado, a carreira organizacional se assenta sobre premissas de emprego estável, em tempo integral, no interior de uma única organização (INKSON et al., 2012), por outro, as carreiras sem fronteiras e proteana enfatizam, respectivamente, a mobilidade física e psicológica da trajetória profissional, e a autogestão da carreira embalada por valores intrínsecos caros aos indivíduos.

À emergência de tais carreiras corresponde uma crescente ênfase na dimensão subjetiva de análise, com a conseqüente valorização do poder de agência, em detrimento das condicionantes sistêmicas (INKSON et al., 2012). Para Roper, Ganesh e Inkson (2010), tal guinada no campo de carreiras corresponde a um viés ideológico neoliberal, que, ao enfatizar a responsabilidade individual pela carreira, transfere para os indivíduos uma parcela dos riscos organizacionais. Enquanto mecanismo de justificação do *status quo* (BOLTANSKI; CHIAPPELLO, 2009), tais abordagens tendem a universalizar para o conjunto dos trabalhadores, um conjunto de recursos sociais e materiais disponíveis a um seletor contingente de indivíduos situados nas posições hierarquicamente superiores (HANCHEY; BERKELAAR, 2015).

Não se pretende negar a existência de mudanças significativas na atualidade, com impactos sobre esferas distintas como família, cultura e trabalho (GIDDENS, 2002), mas ressaltar a sua variação conforme o conjunto de recursos sociossimbólicos mobilizáveis pelos indivíduos, condicionado pela sua posição na topografia social (ABRANTES, 2013). Partilha-se, neste artigo, do entendimento proposto por Savage entre outros (2013), segundo o qual a associação indistinta da trajetória individual na alta modernidade ao recrudescimento dos processos de escolha, a ponto de equipará-la a uma biografia do tipo “faça você mesmo”

(BECK, 1997), consiste em uma falácia que desconsidera a relação existente entre classe social, horizonte de possibilidades e estilos de vida.

Em resposta ao crescente foco na dimensão subjetiva de análise, desenvolveu-se, ao longo da década de 2000, uma abordagem relacional de análise cujo foco central é compreender a dinâmica das carreiras, a partir de quadros de referência baseados em teorias sociais de longo alcance, como o estruturacionismo de Anthony Giddens e a teoria da prática de Pierre Bourdieu (MOORE; MEYHER; STEYRER, 2007). Consequentemente, acirrou-se nas duas últimas décadas o debate agência-estrutura (SCHNEIDHOFER; HOFBAUER; TATLI, 2020), cujas raízes remetem à tensão histórica entre perspectivas que privilegiam a agência individual ou o determinismo social na construção das carreiras (MOORE; GUNZ; HALL, 2007).

É evidente a primazia, no âmbito dessa perspectiva, da praxeologia bourdieusiana, evidenciando o intuito de superação de dualidades – micro e macro, subjetivo e objetivo, agência e estrutura –, por intermédio de uma abordagem integrativa e relacional, calcada na inter-relação das dimensões individual, organizacional e social (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER; 2007). Contudo, não são poucas as controvérsias relativas ao arcabouço teórico proposto por Bourdieu, com destaque para a restrita atenção dedicada à ação reflexiva (EMIRBAYER; JOHNSON, 2008), reflexo da centralidade atribuída pelo autor à socialização primária (MUTCH; DELBRIDGE; VENTRESCA, 2006).

Objetiva-se, neste artigo, propor uma abordagem neobourdiesiana de carreira, que a um só tempo, leva em conta a ação reflexiva dos atores sociais e as condicionantes contextuais – irrestritas aos espaços de socialização primária - que influenciam o processo de construção de carreira. Com vistas a endereçar este último desafio, propõe-se a aproximação dos contornos teóricos propostos por Bourdieu (1990) com elementos da sociologia na escala individual proposta por Lahire (2002). E com vistas a avançar para além das amarras de uma abordagem disposicional irrestrita, concede-se espaço à ação reflexivamente orientada; para tanto, recorreu-se à noção de conversações internas (ARCHER, 2007, 2011), mediada pelo interacionismo simbólico de Mead (1962).

O presente artigo está dividido em cinco partes, incluindo esta introdução; na primeira parte privilegia-se a análise dos aspectos da teoria da prática (BOURDIEU, 1990) julgados centrais para a compreensão da construção proposta; em seguida, apresentam-se elementos referentes à apreensão da praxeologia bourdieusiana pelos estudos de carreira sob a perspectiva organizacional. Na terceira parte, é proposta a integração crítica das ideias de Lahire (2002) e de Archer (2007, 2011) ao quadro de referência avançado por Bourdieu (1990). Por fim, apresentam-se as conclusões do artigo.

2 TEORIA DA PRÁTICA: INTERDISCIPLINARIDADE E PENSAMENTO RELACIONAL

A sociologia de Pierre Bourdieu pode ser lida como uma filosofia da ação que articula, em contraposição ao modo dominante de pensamento que privilegia “realidades substanciais” (BOURDIEU, 2013, p. 3), um esquema teórico calcado em um conjunto de conceitos interdependentes, com destaque para a tríade campo, *habitus* e capital (EMIRBAYER; JOHNSON, 2008).

A empreitada do autor representa um esforço de compreensão das “relações entre formas simbólicas de conhecimento e estruturas sociais objetivas” (KÖGLER, 1997, p. 141), a partir de uma perspectiva metateórica que conjuga múltiplas influências disciplinares: os clássicos da sociologia; as contribuições de Elias, Mannheim

e Goffman; a fenomenologia; a linguística, com destaque para os trabalhos de Wittgenstein; o racionalismo de Bachelard e o relacionalismo de Cassirer (VANDENBERGHE, 1999).

Aos modos de conhecimento fenomenológico e objetivo, Bourdieu opõe um modo praxeológico que, se por um lado privilegia a “experiência primeira do mundo social e da compreensão imediata das palavras e dos atos do outro”, por outro defende a necessidade de sua inscrição no espaço social – “sistema de relações objetivas e independentes das consciências e das vontades individuais [...] que a análise fenomenológica dessa experiência tendia a excluir” (BOURDIEU, 1994, p. 48). A defesa de uma abordagem calcada nas relações sociais justifica-se, nos termos do autor, pelo fato de que

[..] o real é relacional: o que existe no mundo social são relações – não interações entre agentes ou laços intersubjetivos entre indivíduos, mas relações objetivas que existem “independentemente das consciências e desejos individuais”, como dizia Marx (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 97).

Uma vez introduzido o modo relacional de pensamento proposto pelo autor para investigar os distintos domínios de atividade (campos), apresentam-se, a seguir, os principais conceitos estruturantes de sua abordagem teórica.

3 INTERDEPENDÊNCIA CONCEITUAL COMO PRINCÍPIO

O modelo teórico bourdieusiano pode ser interpretado como uma sobreposição de três espaços distintos; ao passo que o nível macro de análise corresponde ao espaço social, cuja organização é regida pelo volume e estrutura do capital, sobretudo econômico e cultural, o nível micro remete ao espaço dos estilos de vida, constituídos por distintos grupos de práticas, gostos e preferências. Em uma localização intermediária está o “espaço teórico do *habitus*”, que atua como “operador prático” que transmuta em práticas distintas e distintivas as condições sociais de existência correspondentes a uma dada posição do espaço social (BOURDIEU, 2013, p. 106).

Alternativamente a noções como indústria, população ou ambiente, a noção de campo abarca a totalidade de atores, organizações e instituições relevantes para um determinado domínio de atividade, e demanda um processo de investigação empírica para a determinação dos seus limites (EMIRBAYER; JOHNSON, 2008). De acordo com o quadro de referência proposto pelo autor, as fronteiras do campo remetem aos extremos em que “formas particulares de capital têm eficácia na persecução do que está em jogo na disputa” (FRIEDLAND, 2009, p. 898), em contraposição a perspectivas construcionistas que tendem a privilegiar a dimensão subjetiva (SCHNEIDHOFER, 2013).

Conquistado nos termos de uma topologia social, o conceito de campo emerge como representação de um conjunto de relações objetivas entre as distintas posições em seu interior (BOURDIEU, 2010); alternativamente às perspectivas que privilegiam a interação imediata entre os agentes como mecanismo de construção social, a abordagem proposta enfatiza as relações dos atores “através de uma matriz de poder” (ÖZBILGIN; TATLI, 2011, p. 1233). Enquanto sistema de coordenadas bidimensional, o conceito de campo pode ser representado, ainda, como um “conjunto de pontos a partir dos quais os agentes comuns lançam o seu olhar sobre o mundo social” (BOURDIEU, 2013, p. 163). Se, por um lado, o eixo vertical remete ao volume total

de recursos detidos pelos indivíduos situados em uma dada posição no campo, o eixo horizontal diz respeito à sua estrutura de capital, ou seja, à participação relativa no conjunto de recursos materiais e simbólicos em disputa (BOURDIEU, 2010).

Afora o conceito de campo, uma inovação central do arcabouço proposto por Bourdieu (1990) diz respeito à ampliação do conceito de capital para além da dimensão econômica. Se o conceito de campo é equiparado pelo autor a um campo de forças ou de lutas, não é de se admirar que as múltiplas espécies de capital sejam concebidas como “armas usadas na luta pela imposição do princípio de organização [do campo]” (EMIRBAYER; JOHNSON, 2008, p. 8). A relação mutuamente constitutiva entre os conceitos de capital e campo decorre, em primeiro lugar, do fato de serem os capitais econômico e cultural os princípios de diferenciação do campo, condicionando, assim, a posição que nele ocupam indivíduos e/ou grupos (BOURDIEU, 2010). Por outro lado, o valor atribuído às diferentes modalidades de capital reflete o resultado transitório das relações de força atuantes no campo, expressão das lutas travadas entre os agentes com vistas a manter ou aumentar o seu volume de capital (ÖZBILGIN; TATLI, 2011).

Quanto às variedades de capital, cabe destacar quatro espécies invariantes aos campos – econômico, cultural, social e simbólico – às quais se somam modalidades específicas de cada um dos domínios especializados. Forma mais óbvia e tangível de recurso, o capital econômico corresponde às distintas formas de recursos materiais e financeiros (JOY et al., 2018). Caracterizada por sua alta taxa de conversão, o capital cultural corresponde a um processo dissimulado de transmissão hereditária, que conjuga processos de aprendizagem ao longo de diferentes contextos de tempo e espaço. Espécie multiforme de recurso ou poder, o capital cultural pode ser encontrado em três estados distintos; em seu estado *incorporado* corresponde ao patrimônio de disposições duráveis e intransponíveis, ou *habitus*; nele o processo de assimilação se dá de forma lenta, e seu resultado diz respeito à incorporação “subjéctiva” da memória social. Nos termos propostos por Bourdieu (2015a, p. 83-84), “é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo”. Em estado *objetivado*, refere-se à propriedade de bens culturais, tais como obras de arte e livros. Nos casos em que o capital cultural é fruto de um processo de institucionalização em que o reconhecimento social é conferido por intermédio de um processo arbitrário de atribuição formal e diferencial de competências, tem lugar o conceito de capital cultural *institucionalizado* (BOURDIEU, 2015a). Este traduz-se, sobretudo, em uma miríade de certificações ou diplomas, social e simbolicamente hierarquizados.

Já o conceito de capital social, modalidade subordinada de poder no quadro de referência do autor, é definido por Bourdieu (2015b, p. 75) como o “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento”. Ressalta-se que o volume de capital social detido por um ator não decorre, única e exclusivamente, do aspecto quantitativo de sua rede de relações, mas também da sua dimensão qualitativa. Assim sendo, importa, para além da extensão da rede, o volume total de capital econômico e cultural passível de ser mobilizado por seu intermédio.

Outro tipo de recurso invariante a todos os campos é o capital simbólico, que, usualmente associado a prestígio e fama, pode ser mais bem compreendido como uma “forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder” (BOURDIEU, 2010, p. 15); porque inscritos na objetividade da estrutura social, tais esquemas tendem a engendrar práticas e julgamentos ajustados aos valores e crenças vigentes no campo (BOURDIEU, 2013).

Completando a tríade conceitual estruturante do arcabouço do autor, a incorporação da noção de *habitus* pode ser interpretada como uma tentativa de retomada de uma forma de pensar o mundo social que coloca a ação habitual enquanto elemento central no processo de construção social. Alternativa a perspectivas tanto estruturalistas quanto cognitivistas, a noção de *habitus* pretende escapar à “filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construção do objeto” (BOURDIEU, 2010, p. 61-62); privilegia, portanto, a consciência prática dos agentes, em detrimento da consciência reflexiva.

Espaço intermediário entre a estrutura social e as práticas dos agentes, o *habitus* revela-se, a um só tempo, como estrutura estruturada e estrutura estruturante (BOURDIEU, 1990); se, por um lado, é o resultado da internalização das estruturas objetivas do campo – volume e estrutura de capital – e da trajetória individual, por outro atua tanto como “princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis” quanto como “sistema de classificação de tais práticas” (BOURDIEU, 2013, p. 162). A atuação competente dos atores ao longo dos múltiplos campos decorre, portanto, desse duplo processo de estruturação, não de uma conformidade consciente e reflexiva com princípios normativos. Consequentemente, “a prática tem uma lógica que não é a da lógica” (BOURDIEU, 2013, p. 145).

Fruto de um processo sincrônico e diacrônico de incorporação e sedimentação do mundo social circundante, a noção de *habitus* incorpora a historicidade inerente à dinâmica social, razão pela qual o termo pode ser definido enquanto “um conjunto de relações históricas ‘depositadas’ dentro dos corpos individuais sob a forma de esquemas mentais e corpóreos de percepção, apreciação e ação” (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 16). A conceituação do *habitus* como estrutura durável vincula-se à prioridade atribuída pelo autor à socialização primária dos agentes, implicando um fechamento, ainda que relativo, do seu sistema de disposições (BOURDIEU, 1990).

Ainda que as práticas dos agentes não sejam determinadas mecanicamente pelo *habitus*, mas condicionadas por ele, ressaltam-se os limites do seu potencial criativo, cujos contornos não se estendem para além do conjunto de possibilidades oportunizadas pelas condições objetivas das quais é o produto (BOURDIEU; WACQUANT, 1992). As múltiplas trajetórias passíveis de serem percorridas pelos indivíduos dispostos em uma mesma posição no campo implicam a inexistência de uma relação de identidade entre os seus sistemas de disposições, de sorte que “cada sistema individual de disposições é uma variante estrutural dos outros” (BOURDIEU, 1990, p. 60).

Apresentados os principais conceitos estruturantes da teoria da prática (BOURDIEU; WACQUANT, 1992), apresentam-se, em seguida, considerações acerca de sua apropriação no campo de estudos de carreira.

4 PRAXEOLOGIA BOURDIEUSIANA E CARREIRAS

A crescente adoção da lógica relacional de análise proposta por Bourdieu (1990), seja no campo dos estudos organizacionais (EMIRBAYER; JOHNSON, 2008), seja no campo dos estudos de carreiras (EGGENHOFER-REHART et al., 2018), pode ser compreendida como eco da virada relacional ocorrida na segunda metade da década de 1990 nas ciências humanas (EMIRBAYER, 1997). Nos estudos de carreira, a apropriação da perspectiva bourdieusiana busca integrar, em linha com os estudos pioneiros de Hughes (1937), as múltiplas dimensões de análise – micro (individual), meso (contextual/organizacional) e macro (institucional) –, procurando superar leituras reducionistas das carreiras. Diferenciam-se, contudo, da abordagem interacionista

simbólica, ao priorizar em suas análises os aspectos estruturais subjacentes às relações intersubjetivas do contexto imediato, ou seja, os “constrangimentos externos atuantes sobre as interações e representações” (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 11).

Ao conceber as carreiras como espaços de poder, essa nova perspectiva integra a dimensão sociopolítica de análise à perspectiva organizacional dos estudos de carreira (SCHNEIDHOFER; LATZKE; MAYRHOFER, 2015). Estabelece, assim, oposição manifesta a abordagens individualistas que, usualmente calcadas em proposições apolíticas e descontextualizadas da realidade social, tendem a não reconhecer as relações de força operativas no mundo social, inclusive no processo de construção das carreiras (SCHNEIDHOFER, 2013).

A adoção da praxeologia bourdieusiana enquanto quadro teórico de referência justifica-se com base em inúmeras vantagens percebidas, a começar pela sua interdisciplinaridade (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007). Integrando os distintos níveis em um todo coerente, o esquema conceitual bourdieusiano presta-se a um recorte transversal de pesquisa capaz de situar as carreiras em múltiplos contextos, conjugando, assim, os níveis individual, organizacional e social de análise. Não menos relevante é a diversidade metodológica característica do conjunto de pesquisas desenvolvidas por Bourdieu ao longo de sua carreira, resultado de um “*habitus* sociocientífico” (PETERS, 2017, p. 284) multidisciplinar.

Outro ponto positivo diz respeito ao reconhecimento da fluidez das fronteiras que separam os distintos subcampos de carreira, fruto do contínuo processo de luta entre os atores, que em busca da manutenção ou alavancagem de sua posição no campo, adotam estratégias voltadas à conservação ou subversão das regras vigentes (BOURDIEU, 1990). Assume-se que os campos de carreira são circundados por fronteiras dinâmicas, cuja delimitação demanda um trabalho empírico de pesquisa (IELLATCHITCH; MAYRHOFER; MEYER, 2003). Avança-se, portanto, uma alternativa à perspectiva social construcionista, rompendo-se com a posição epistemológica que tende a estender às fronteiras dos campos de carreira a dicotomia proposta entre carreira objetiva e carreira subjetiva. Por outro lado, a ênfase atribuída por ambas as abordagens às fronteiras como elemento constitutivo das carreiras, têm o potencial de abandonar o debate, nem sempre produtivo, entre carreiras sem fronteiras e carreiras organizacionais (RODRIGUES; GUEST; BUDJANOVCANIN, 2016).

Essa nova perspectiva teórica buscou, em um primeiro momento, adaptar o esquema conceitual bourdieusiano ao campo de estudos de carreira. Em *Career fields: a small step towards a grand career theory* (IELLATCHITCH; MAYRHOFER; MEYER, 2003), propõe-se a tríade conceitual campo, capital e *habitus* de carreira como fundação sobre a qual se assenta a teoria avançada para suportar a análise de carreiras gerenciais e profissionais. No tocante aos campos de carreiras, estes são concebidos como espaços sociais caracterizados pela existência de um dado portfólio de capitais eficaz em seu interior, e por “um conjunto de práticas padronizadas que, habilitadas e restringidas pelas regras do campo, contribuem, por sua vez, para a modelagem de tais regras” (IELLATCHITCH; MAYRHOFER, 2011, p. 732).

Outro conceito-chave diz respeito ao capital de carreira, resultado último da mobilização ou do investimento das distintas espécies de recursos, sobretudo o econômico, o social e o cultural, na construção das trajetórias profissionais, cuja valorização é contingente às normas internas ao campo ocupacional (EGGENHOFER-REHART et al. 2018). Nesse sentido, pesquisas têm endereçado tanto as barreiras enfrentadas quanto as estratégias mobilizadas por migrantes e refugiados com vistas a se posicionar favoravelmente no mercado de trabalho no país anfitrião (AL ARISS et al., 2013; WINTERHELLER; HIRT, 2017). Colocam em xeque a noção de capital humano, ao sinalizar, entre outras coisas, a potencial desvalorização do capital cultural

adquirido no país de origem, fruto da inserção dos migrantes em hierarquias dos campos nacionais e transnacionais, cujas relações de poder remetem a relações coloniais históricas e ao capitalismo global (JOY; GAME; TOSHNIWAL, 2018).

Ainda que o conceito de capital se assemelhe à noção de múltiplas competências – *know-how*, *know-why* e *know-who* (DeFILLIPPI; ARTHUR, 1996) –, com ela não se confunde, haja vista que o investimento feito pelos indivíduos em seu capital de carreira não deriva de uma ação racionalmente orientada dos indivíduos, mas do seu *habitus* de carreira, definido como o “conjunto de disposições que tende a ser ‘automaticamente’ atualizado dentro de um campo de carreira específico” (IELLATCHITCH; MAYRHOFER; MEYER, 2003, p. 738). Cabe observar igualmente que o nível de adaptação requerido dos atores sociais aos campos de carreira é inversamente proporcional ao grau de congruência entre seu *habitus* de carreira e as regras do jogo vigentes nesses espaços (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007). O *habitus* emerge, portanto, como “fronteira à práxis de carreira” (SCHNEIDHOFER, 2013, p. 4), ora restringendo, ora ampliando o horizonte de ações disponíveis aos agentes. A consideração de sua influência no processo de construção do capital de carreira tem o condão de desvelar desigualdades profundas, ensejando o questionamento de eventuais culpabilizações impostas aos atores sociais (AL ARISS et al., 2013).

À luz dos aspectos tratados até aqui, julga-se que o desenvolvimento da praxeologia bourdieusiana no interior do campo de carreira sob a perspectiva organizacional atende a demandas recentes voltadas à necessidade de a análise das carreiras abarcar, a um só tempo, os domínios espacial, ôntico e temporal, adotando-se, respectivamente, como construtos centrais, suas fronteiras, as condições dos atores (idade, gênero, etnia, classe social, entre outros aspectos) e a cronologia de suas trajetórias (GUNZ; MAYRHOFER, 2018).

Com vistas a contribuir com o esforço de desenvolvimento efetuado até o momento, apresenta-se, a seguir, um delineamento inicial de uma abordagem neobourdieusiana que busca responder a duas das principais críticas dirigidas ao quadro de referência proposto por Bourdieu, inter-relacionadas, por sua vez, à crescente relevância atribuída aos impactos exercidos pelos múltiplos contextos sobre as carreiras individuais, bem como à reduzida atenção dedicada às capacidades reflexivas individuais.

Com vistas a mitigar o primeiro questionamento, propõem-se, neste artigo, os potenciais ganhos oriundos da conjugação do quadro de referência do autor à sociologia na escala individual proposta por Lahire (2004), cuja ênfase recai sobre a potencial heterogeneidade disposicional dos atores, fruto da sua inserção, simultânea ou não, em múltiplos contextos.

Não menos relevante é a presença recorrente de argumentos contrários à demasiada ênfase na modalidade de ação habitual em detrimento da ação reflexivamente mediada. Para além da consideração de um *habitus* reflexivo (LAHIRE, 2002), acionado automaticamente a partir da interação entre ator e contexto, acredita-se ser necessário contemplar a coexistência das modalidades habitual e reflexiva de ação, sem renunciar à ancoragem social desta última. Propõem-se, em linha com Mutch, Delbridge e Ventresca (2006) e Maclean, Harvey e Chia (2012), as vantagens da operacionalização do potencial de reflexividade individual a partir do conceito de conversação interna, mecanismo de mediação subjetiva entre as condicionantes sociais e as práticas individuais (ARCHER, 2007). Nos tópicos a seguir, são apresentadas breves considerações a respeito das abordagens microsociológicas propostas por Lahire e por Archer, bem como uma proposta de aproximação entre elas e o quadro referencial proposto por Bourdieu.

5 MÚLTIPLAS LÓGICAS DE AÇÃO: AS LIMITAÇÕES DO *HABITUS* MONOLÍTICO

A sociologia psicológica ou na escala individual proposta por Lahire (2002) pressupõe a heterogeneidade das disposições individuais nas dimensões espacial e temporal. Ao privilegiar a escala micro de análise e uma abordagem qualitativa de pesquisa, Lahire busca apreender condicionantes sociais de ordem dupla e, assim, “enxergar a complexidade do patrimônio de disposições incorporadas que faz o indivíduo pensar, agir e sentir de um modo determinado” (VÉRAN; VANDENBERGHE, 2016, p. 13).

A teoria do ator plural proposta por Lahire (2002) espelha o reconhecimento de as disposições individuais serem construídas e reconstruídas em uma realidade complexa na qual os atores se encontram expostos a diversas lógicas de ação, fruto de seus múltiplos pertencimentos. As sucessivas socializações dos indivíduos em múltiplos grupos – familiares, profissionais, de amigos, religiosos, tribais etc. – e em diferentes contextos corresponderiam, em última análise, à aquisição e ativação de diferentes estruturas mentais e corpóreas, nem sempre congruentes entre si. Em sua visão, a coerência irrestrita do conjunto de esquemas mentais, corpóreos e comportamentais incorporado pelos agentes corresponde a um traço característico das sociedades tradicionais, dotadas de uma configuração estrutural caracterizada por altos níveis de congruência contextual.

Nesse sentido, concepções que pressupõem, na atualidade, a prevalência de uma “identidade pessoal invariável” e, portanto, da “unicidade do ator” (LAHIRE, 2002, p. 17-21) revelam-se falaciosas, em sua visão, por desconsiderarem os conflitos e as crises enfrentados pelos “atores ao se inscreverem precoce e duravelmente em grupos e universos sociais múltiplos, heterogêneos e contraditórios” (LAHIRE, 2002, p. 23). Cabe observar, todavia, que, a despeito de defender a relevância primordial dos processos de socialização secundária, Lahire (2014) relativiza – em vez de negar – a influência das condições sociais de origem no delineamento do horizonte de possibilidades dos atores.

Em *Retratos sociológicos* (LAHIRE, 2004), o autor introduz uma estratégia metodológica que privilegia a análise das influências de múltiplos contextos de ação: família, escola, trabalho, sociabilidade, práticas culturais e de lazer, e estética. Em termos gerais, a proposta teórica do autor expressa uma alternativa ao esquema geral proposto por Bourdieu (2013), segundo o qual *habitus* + campos = práticas, atualizado sob a forma “disposições ou competências + contextos = práticas” (NOGUEIRA, 2016, p. 49). Não há que se confundir, contudo, a diversidade disposicional com um processo ativo de reflexão no qual os atores acessam a sua interioridade ou foro íntimo (LAHIRE, 2002). A adesão irrestrita a uma lógica disposicional implica que o processo de ativação dos esquemas mentais e corpóreos não decorre, para o autor, de um processo de escolha consciente, mas de um condicionamento estrutural exercido, conjuntamente, pelo passado incorporado e pelo contexto presente da ação. Para Lahire (2002, p. 53), “na grande maioria dos casos, é a situação que ‘decide’” que disposição ativar ou inibir, a depender da microsituação social em que se encontram os atores individuais.

À semelhança de Bourdieu, para Lahire (2008, p. 385) não há “nada mais geral que o singular”, a ponto de equiparar o indivíduo a uma folha de papel que traz nas suas dobras as impressões ou influências dos múltiplos contextos previamente percorridos. A metáfora do social dobrado e desdobrado implica que “o decomposto e o recomposto, o coletivo e o singular não se opõem de modo algum”, refletindo, tão somente, variações de escala ou “pontos de vista diferentes e complementares acerca de uma mesma e única realidade social” (LAHIRE, 2014, p. 21).

Uma das principais críticas dirigidas à proposta apresentada por Lahire recai sobre o fato de suas escolhas teóricas implicarem a redução do indivíduo a um epifenômeno estrutural; conseqüentemente, toda reação individual decorre, incondicionalmente, do “contexto externo passado” e do “contexto atual de ação” (NOGUEIRA, 2016, p. 51). A insistência em não ceder espaço ao exercício da subjetividade acarreta, segundo alguns autores, a incapacidade de delimitação clara e precisa do modo pelo qual os indivíduos exercitam suas escolhas, recorrendo, eventualmente, a critérios *ad hoc* para fundamentar o processo decisório subjacente às ações individuais (VANDENBERGHE, 2016).

Tal qual Bourdieu, quaisquer referências feitas por Lahire à ação reflexiva dos agentes limitam-se à esfera da lógica da prática; longe de dotar os agentes de maior liberdade, aprisiona-os em um condicionamento estrutural múltiplo e multifacetado (VANDENBERGHE, 2016). Retira-lhes, portanto, a capacidade reflexiva residual pensada por Bourdieu (BOURDIEU; WACQUANT, 1992), naquelas hipóteses em que se verifica um processo de disjunção significativa, ou disrupção, entre campo e *habitus*, consubstanciada no conceito de histerese.

Portanto, se por um lado o arcabouço teórico proposto por Lahire (2002) mostra-se útil tanto para tematizar quanto para operacionalizar as influências dos múltiplos contextos sobre as trajetórias individuais, tal arcabouço se revela incapaz de estabelecer uma relação de interdependência entre agência e estrutura que não implique a dissolução do sujeito. Foi a partir desse pressuposto que se recorreu ao conceito de conversações internas – processo meditativo interior - (VANDENBERGHE, 2010) que, ao lado da aprendizagem habitual ou prática, é proposto como estrutura de mediação entre o mundo exterior e as decisões dos agentes. Este conceito, que tem na obra de Archer (2007, 2011) sua principal referência, é aqui apresentado como uma alternativa à onipresença da ação habitual nos quadros de referência propostos por Bourdieu (1990) e por Lahire (2002).

6 PARA ALÉM DAS CERCANIAS DO *HABITUS*: CONVERSACÕES INTERNAS, REFLEXIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE

A obra da socióloga britânica Margareth Archer constitui-se em um dos pilares do realismo crítico (BHASKAR, 1979), perspectiva que, ao enfatizar a natureza estratificada da realidade social, o faz buscando compreender de que forma os mecanismos e as estruturas gerativas subjacentes à realidade social produzem, reproduzem e transformam essa mesma realidade (SCHNEIDHOFER; HOFENBAUER; TATLI, 2020). A autora propõe uma abordagem inovadora que assume como pressupostos centrais a anterioridade estrutural e o dualismo analítico; ao enfatizar tanto o condicionamento dos sistemas culturais e estruturas sociais sobre os agentes, quanto o poder de agência como mecanismo de mediação entre condicionamento estrutural e prática individual, a autora evita fundir agência e estrutura.

Segundo Vandenberghe (2010, p. 5), tal empreitada resultou na proposta de uma teoria social pós-estruturacionista calcada em uma abordagem relacional que associa estrutura, cultura e agência. Em linha com Lahire, Archer opera no nível “microsociobiográfico”, promovendo algo como uma “sociologia do ator” que assume as biografias individuais como unidade de análise privilegiada (VÉRAN; VANDENBERGHE, 2016, p.11). Divergentemente de Lahire, contudo, rejeita toda e qualquer variante de sociologia disposicional, sob a alegação da emergência de uma ordem pós-tradicional na qual a incongruidade contextual emerge como regra,

com o conseqüente afloramento de um imperativo reflexivo em detrimento do modo habitual de ação (ARCHER, 2011).

A noção de conversação interna é mobilizada por Archer para indicar o modo através do qual os indivíduos exercitam o seu potencial reflexivo, sobretudo para dar conta daquelas situações que, em virtude da complexidade ou do ineditismo, fogem ao alcance da ação habitual. Se, para Lahire (2002), o foco central de análise recai sobre o passado incorporado (disposições/contexto de aquisição) e o presente (contexto de ativação), para Archer (2011) os fatores condicionantes das práticas individuais são as preocupações ou bens internos mais caros aos atores que, por intermédio de um processo meditativo interior, resultam em projetos futuros (preocupações ou bens internos + projetos = práticas). O foco da autora recai, portanto, sobre as dimensões temporais atual e futura, adotando-se a compreensão dos projetos individuais como uma *proxy* para a compreensão da identidade dos agentes.

As origens do conceito de conversações internas remetem ao pragmatismo norte-americano, perspectiva a partir da qual foram formuladas distintas proposições teóricas. Inicialmente, as conversações internas foram pensadas por James (2007) como diálogos interiores que o *self* mantém consigo e, assim, poderiam ser mais bem classificadas como monólogos (VANDENBERGHE, 2016). Alternativamente ao posicionamento assumido por James (2007), Peirce (1960) destaca a importância do horizonte temporal no qual se desenrola o processo de constituição do *self*.

Influenciada pela semiótica de Peirce (1960), Archer compreende as conversações internas como um “processo trifásico básico em que o *self* pré-existente condiciona as atividades dialógicas do Eu conversacional, o qual molda e elabora, por sua vez, o Você do futuro” (VANDENBERGHE, 2010, p. 265). A adesão à abordagem pierciana representa uma rejeição da autora à proposta de Mead (1962), cuja relevância atribuída à intersubjetividade nos processos de socialização e, portanto, na constituição do *self*, foi traduzida nos termos de um relacionamento dialógico estabelecido entre o Mim (*Me*) e o Eu (*I*). Para Archer, a compreensão do autor sufoca a subjetividade em favor de um processo de hiperssocialização dos atores sociais. Em sua visão,

[...] cada vez mais, os agentes navegam de acordo com o compasso de suas próprias preocupações pessoais. Essa crescente dependência de poderes pessoais, sejam eles empregados individual ou coletivamente, tem como contrapartida o declínio do outro generalizado e da socialização como um processo quase unilateral (ARCHER, 2011, p. 176).

Para Mead (1962), em contrapartida, o processo de formação da consciência é exterior aos indivíduos, tendo início a partir do momento em que estes se dissociam da figura materna e reconhecem a sua individualidade. A partir de então passam a estabelecer interações simbolicamente mediadas com os outros significativos, cuja evolução se desenrola rumo à apreensão de normas e valores socialmente compartilhados. A possibilidade de auto-objetivação decorre, na visão de Mead (1962), da capacidade de os indivíduos se perceberem nas atitudes daqueles com quem se relacionam. Da confrontação do ego e do *alter ego*, concretizada nas vivências e experiências intersubjetivas, emerge a noção de *self* (VANDENBERGHE, 2010); a interiorização do mundo exterior pelos agentes é compreendida nesse caso como um processo que combina o estabelecimento de conversações externas com outros indivíduos e sua subsequente interiorização sob a forma de conversações internas nas quais refletem ativamente.

Entre as críticas dirigidas à proposta de Archer, destaca-se a assunção da reflexividade como “único mecanismo de mediação entre estrutura e agência” (CAETANO, 2011, p. 158), implicando o descarte da noção de disposições. As críticas contrapõem-se, portanto, à sobrevalorização da dimensão mental ou psíquica e à correspondente subvalorização das condições materiais e simbólicas de existência, rejeitando a possibilidade de os indivíduos neutralizarem os condicionamentos exteriores oriundos do seu enquadramento sociocultural. Segundo Vandenberghe (2016), a proposta de Lahire apresenta-se como possibilidade de inserir a ação habitual no quadro teórico de Archer; em contrapartida, a noção de conversações internas representa uma resposta às críticas endereçadas à sociologia psicológica de Lahire, referentes à desconsideração da ação subjetivamente orientada.

Propõe-se, neste artigo, que a apropriação do quadro de referência proposto por Bourdieu (1990) pelo campo de estudos de carreira pode se beneficiar das contribuições propostas por Lahire e por Archer. O arcabouço resultante parece contribuir para a consolidação de uma perspectiva de pesquisa relacional (SCHNEIDHOFER; LATZKE; MAYRHOFER, 2015), ultrapassando, de forma articulada e consistente, os dualismos sujeito-objeto e agência-estrutura. Se, por um lado, o espaço do *habitus* e os múltiplos contextos atuariam como mediadores entre o espaço social e as práticas habituais, as conversações internas funcionariam como um mecanismo de mediação entre a estrutura social e as ações reflexivas. Concebem-se, portanto, distintas vias de ação passíveis de mobilização pelos agentes na construção de seus capitais de carreira, influenciada não apenas pelo seu passado incorporado e pela sua situação presente, mas também pela elaboração reflexiva de projetos associados às suas trajetórias futuras, cuja capacidade de tradução em planejamentos coerentes e eficazes guarda relação direta com a sua posição no espaço social (HODKINSON; SPARKES, 1997).

Postula-se, portanto, que a incorporação pelos estudos de carreira de um arcabouço teórico que articule os quadros de referência propostos por Bourdieu (1990), Lahire (2002) e Archer (2011) seja capaz de contribuir com os esforços despendidos no campo com vistas a superar a dualidade entre agência e estrutura.

7 CONCLUSÃO

O campo de estudos de carreira caracteriza-se pela tensão permanente entre perspectivas que privilegiam a agência ou as instituições/estrutura na construção das trajetórias profissionais (INKSON et al., 2012; SCHNEIDHOFER; HOFBAUER; TATLI, 2020). Nesse sentido, a emergência, no início dos anos 2000, de uma abordagem relacional de carreira calcada no quadro de referência teórico proposto por Bourdieu, pode ser interpretada como uma reação ao voluntarismo subjacente às novas modalidades de carreira propostas no âmbito dos estudos de carreira sob a perspectiva organizacional, sobretudo as carreiras sem fronteiras (ARTHUR; ROUSSEAU, 1996) e proteana (HALL; MOSS, 1998).

Entre as vantagens da referida abordagem relacional, reside o fato de o quadro de referência bourdieusiano se revelar propício a integrar as dimensões espacial, ôntica e temporal das carreiras (GUNZ; MAYRHOFER, 2018), passíveis de associação com as noções de campo (espaço), *habitus* (ser) e trajetória (tempo), propostas por Bourdieu (2013) como elementos estruturantes do mundo social. Contudo, as recorrentes críticas ao arcabouço bourdieusiano, seja pela ênfase atribuída às condições sociais de origem (EMIRBAYER; JOHNSON, 2008), seja pela atenção residual que dispensa à reflexividade (FRIEDLAND, 2009), emergem como eventuais limitantes no endereçamento das demandas recorrentes no campo que sublinham a necessidade

de os pesquisadores reconhecerem os efeitos exercidos tanto pelos contextos quanto pela agência sobre o delineamento das carreiras.

Com vistas a contribuir com os esforços empreendidos no desenvolvimento da referida abordagem relacional (SCHNEIDHOFER; MAYRHOFER; LATZKE, 2015) e, ao mesmo tempo, endereçar as críticas dirigidas ao arcabouço teórico proposto por Bourdieu (1990), propôs-se, neste artigo, uma abordagem neobourdiesiana que aproximou o quadro de referência do autor e as teorias microsociológicas propostas por Lahire (2002) e por Archer (2007). Julga-se que a abordagem resultante representa um avanço, ainda que modesto, no contínuo esforço de integrar, em um todo coerente, as influências exercidas pelo contexto social de origem, pelos múltiplos espaços atravessados pelos indivíduos ao longo de sua socialização secundária e pela agência na construção das carreiras.

Artigo submetido para avaliação em 30/07/2021 e aceito para publicação em 17/12/2021

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, P. Socialization and inequality: A biographical approach to the working class in Portugal. **Current Sociology**, v. 61, n. 7, p. 984-1002, 2013.
- AL ARISS, A.; VASSILOPOULOU, J.; ÖZBILGIN, M. F.; GAME, A. Understanding career experiences of skilled minority ethnic workers in France and Germany. **The International Journal of Human Resource Management**, v. 24, n. 6, p. 1236-1256, 2013.
- ARCHER, M. **Making our way through the world: human reflexivity and social mobility**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- ARCHER, M. Habitus, reflexividade e realismo. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 157-206, 2011.
- ARTHUR, M. B., ROUSSEAU, D. The boundaryless career as a new employment principle. In: ARTHUR, M. B., ROUSSEAU, D. (Eds.). **The boundaryless career: a new employment principle for a new organizational era**. Oxford, UK: Oxford University Press, 1996. p. 3-20.
- BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernidade reflexiva. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 1997. p. 11-71.
- BHASKAR, R. **A realist theory of science**. London-New York: Verso, 1979.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, P. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.
- BOURDIEU, P. **The logic of practice**. California: Stanford University Press, 1990. BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 73-78.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 79-88.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2013. BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. J. D. **An invitation to reflexive sociology**. London: The University of Chicago Press, 1992.

CAETANO, A. Para uma análise sociológica da reflexividade individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 66, p. 157-174, 2011.

DEFILLIPPI, R. J.; ARTHUR, M. B. Boundaryless contexts and careers: a competency-based perspective. In: ARTHUR, M. B., ROUSSEAU, D. (Ed.). **The boundaryless career: a new employment principle for a new organizational era**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 116-131.

DELUCA, G.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. Inked careers: tattooing professional paths. **BAR-Brazilian Administration Review**, v. 13, n. 4, p. 1-18, 2016.

EGGENHOFER-REHART, P. M.; LATSKE, M.; PERNKOF, K.; ZELLHOFER, D.; MAYRHOFER, W.; STEYRER, J. Refugee's career capital welcome? Afghan and Syrian refugee job seekers in Austria. **Journal of Vocational Behavior**, v. 105, n. 9, p. 31-45, 2018.

EMIRBAYER, M. Manifesto for a Relational Sociology. **American Journal of Sociology**, v. 103, n. 2, p. 281-317, 1997.

EMIRBAYER, M.; JOHNSON, V. Bourdieu and organizational analysis. **Theory and Society**, v. 37, p. 1-44, 2008.

FRIEDLAND, J. The endless fields of Pierre Bourdieu. **Organization**, v. 16, n. 6, p. 887-917, 2009.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GRANDJEAN, B. D. History and career in a bureaucratic labor market. **American Journal of Sociology**, v. 86, n. 5, p. 1057-1092, 1981.

GUNZ, H.; MAYRHOFER, W. **Rethinking career studies: facilitating conversation across boundaries with the social chronology framework**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

GUNZ, H.; MAYRHOFER, W. The concept of career and the field(s) of career studies. In: GUNZ, H.; LAZAROVA, M.; MAYRHOFER, W. (Ed.). **The Routledge companion to career studies**, p. 11-41. NY: Routledge, 2020.

HALL, D. T.; MOSS, J. E. The new protean career contract: Helping organizations and employees adapt. **Organizational Dynamics**, v. 26, n. 3, p. 22-37, 1998.

HANCHEY, J. N.; BERKELAAR, B. L. Context matters: Examining discourses of career success in Tanzania. **Management Communication Quarterly**, v. 29, n. 3, p. 411-439, 2015.

HODINSON, P.; SPARKES, A. C. Careerism: A sociological theory of career decision making. **British Journal of Sociology of Education**, v. 18, n. 1, p. 29-44, 1997.

HUGHES, E. C. Institutional office and the person. **American Journal of Sociology**, v. 43, n. 3, p. 404-413, 1937.

IELLATCHITCH, A.; MAYRHOFER, W.; MEYER, M. Career fields: A small step towards a grand career theory? **International Journal of Human Resource Management**, v. 14, n. 5, p. 728-750, 2003.

INKSON, K. Images of career: Nine key metaphors. **Journal of Vocational Behavior**, v. 65, n. 1, p. 96-111, 2004.

INKSON, K.; GUNZ, H.; GANESH, S.; ROPER, J. Boundaryless careers: Bringing back boundaries. **Organization Studies**, v. 33, n. 3, p. 323-340, 2012.

JAMES, W. **The principles of psychology**. v. 2. NY: Cosimo Classics, 2007.

JOY, S.; GAME, A. M.; TOSHNIWAL, I. G. Applying Bourdieu's capital-field-habitus framework to migrant careers: Taking stock and adding a transnational perspective. **The International Journal of Human Resource Management**, 2018.

KHAPOVA, S.; ARTHUR, M.B. Interdisciplinary approaches to contemporary career studies. **Human Relations**, v. 64, n. 1, p. 3-17, 2011.

KÖGLER, H. H. Alienation as epistemological source: reflexivity and social background after Manheim and Bourdieu. **Social Epistemology**, v. 11, n. 2, p. 141-164, 1997.

LAHIRE, B. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, B. Esboço do programa científico de uma sociologia psicológica. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 34, n.2, p. 373-389, 2008.

LAHIRE, B. O singular plural. **Cadernos do Sociófilo**, n. 4, 2014. Disponível em: <http://sociofilo.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2013/12/2_Lahire.pdf>.

MACLEAN M.; HARVEY, C.; CHIA, R. Reflexive practice and the making of elite business careers. **Management Learning**, v. 43, n. 4, p. 385-404, 2012.

MAYRHOFER, W.; MEYER, M.; STEYRER, J. Contextual issues in the study of careers. In: GUNZ, H.; PEIPERL, M. (Eds.). **Handbook of career studies**. California: Sage Publications, 2007. p. 215-240.

MEAD, G. H. **Mind, Self, and Society**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

MOORE, C.; GUNZ, H.; HALL, D. T. Tracing the historical roots of career theory in management and organization studies. In: GUNZ, H.; PEIPERL, M. (Ed.). **Handbook of career studies**. California: Sage Publications, 2007. p.13-38.

MUTCH, A.; DELBRIDGE, R.; VENTRESCA, M. Situating organizational action: The relational sociology of organizations. **Organization**, v. 13, n. 5, p. 607-625, 2006.

NOGUEIRA, C. M. M. Bernard Lahire: contribuições e limites de uma sociologia na escala individual. In: VANDEBERGHE, F.; VÉRAN, J. F. (Ed.). **Além do habitus**: teoria social pós-bourdieuiana. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 49-69

ÖZBILGIN, M.; TATLI, A. Mapping out the field of equality and diversity: Rise of individualism and voluntarism. **Human Relations**, v. 64, n. 9, p. 1229-1253, 2011.

PEIRCE, C. S. **Collected papers**. v. 2. Elements of Logic. Cambridge: Harvard University Press. 1960.

PETERS, G. De volta à Argélia: A encruzilhada etnossociológica de Bourdieu. **Tempo Social**, v. 29, n. 1, 2017.

RODRIGUES, R.; GUEST, D. E.; BUDJANOVCANIN, A. Bounded or boundaryless? An empirical investigation of career boundaries and boundary crossing. **Work, Employment and Society**, p. 1-18, 2016

ROPER, J.; GANESH, S.; INKSON, K. Neoliberalism and knowledge interests in boundaryless careers discourse. **Work, employment and society**, v. 24, n. 4, p. 661-679, 2010.

SAVAGE, M.; et al. A new model of social class? Findings from the BBC's Great British class survey experiment. **Sociology**, v. 47, n. 2, p. 219-250, 2013.

SCHNEIDHOFER, T. M. Bridging (at least?) sociology and psychology? A relational view on career boundaries at the nexus of structure and agency. In: **29th EGOS Conference, Montreal, Canada**. 2013.

SCHNEIDHOFER, T.; LATZKE, M.; MAYRHOFER, W. Careers as sites of power: a relational understanding of careers based on Bourdieu's cornerstones. In: TATLI, A.; ÖZBILGIN, M.; KARATAS-ÖZKAN, M. **Pierre Bourdieu, organisation, and management**, 2015. p. 19-36.

SCHNEIDHOFER, T.; HOFBAUER, J.; TATLI, A. On the agency/structure debate in careers research: a bridge over troubled water. In: GUNZ, H; LAZAROVA, M.; MAYRHOFER, W. (Ed.). **The Routledge companion to career studies**. NY: Routledge, 2020. p. 59-74.

VANDENBERGHE, F. The real is relational: An epistemological analysis of Pierre Bourdieu's generative structuralism. **Sociological Theory**, v. 17, p. 32-67, 1999.

VANDENBERGHE, F. A sociologia na escala individual: Margareth Archer e Bernard Lahire. In: VANDEBERGHE, F.; VÉRAN, J. F. (Ed.). **Além do habitus: teoria social pós-bourdiesiana**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 95-126.

VANDENBERGHE, F. Você sabe como quem está falando quando fala consigo mesmo? In: VANDENBERGHE, F. **Teoria social realista**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 257-272.

VÉRAN, J. F.; VANDENBERGHE, F. Novas Sociologias: um exercício de teoria comparativa. In: VANDEBERGHE, F.; VÉRAN, J. F. (Ed.). **Além do habitus: teoria social pós-bourdiesiana**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 9-26.

WINTERHELLER, J.; HIRT, C. Career patterns of young highly skilled migrants from Southeast Europe in Austria: Investigating accumulation and use of career capital. **Personnel Review**, v. 46, n. 2, p. 222-236, 2017.